

Falando com um historiador
: entrevista com C. L. R. James por E. P. Thompson

Erik Wellington Barbosa Borda

Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Wanderson da Silva Chaves

Pós-doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

Nota editorial

Em 1983, como parte dos eventos organizados pelo *Greater London Council* para o *International Year of Peace*, a televisão britânica exibiu um diálogo gravado em novembro de 1981 entre dois historiadores marxistas e ativistas de grande projeção pública naquele momento: E. P. Thompson e C. L. R. James.

No programa, intitulado “Talking History”, os dois estudiosos debateram variados temas de sua história recente, partindo dos movimentos mundiais contrários ao uso de armas nucleares, passando por eventos políticos da Europa, África, Ásia e chegando mesmo a tecer algumas considerações metodológicas sobre o fazer historiográfico. A discussão dura cerca de 50 minutos e é acompanhada pelo som do músico, poeta e também ativista dos direitos humanos Spartacus R. (Roy Bedeau), mais especificamente de seu álbum “Third World War” (Zara Music Records, 1983).

Acreditando no valor documental da conversa e na atualidade de algumas questões nela abordadas, publicamos abaixo o trabalho de tradução e transcrição do dito material realizado por Erik W. B. Borda e Wanderson da S. Chaves, precedido por um instigante ensaio introdutório de autoria da mesma dupla de pesquisadores, aos quais agradecemos fraternalmente pela aceitação de nosso convite.

A equipe editorial da RAN agradece também a Eric Walker pela permissão concedida para a transcrição, tradução e publicação desse relevante documento histórico, sob a única condição de que mencionássemos que o DVD da conversa filmada (Ipswich, Suffolk: Concord Media, 2007) é comercializado e pode ser adquirido diretamente através do *website* de sua companhia *Concord Media*.

I. APRESENTAÇÃO

Um breve itinerário político e intelectual de C. L. R. James

Em 1981, a revista *Urgent Tasks* publicou um dossiê sobre a vida e o trabalho de C. L. R. James. Nele, E. P. Thompson escreveu sobre James:

Tom Mann e C. L. R. James têm uma coisa em comum. Em seu octogésimo aniversário, Tom disse: “Eu espero ficar mais perigoso conforme envelheço.” C. L. R. já mostrou que ele pretende fazer o mesmo. Que homem extraordinário ele é! Não se trata de concordar com tudo o que ele disse ou fez: mas tudo teve a marca da originalidade, de sua própria inteligência flexível, sensível e profundamente culta. Essa inteligência sempre foi combinada a uma personalidade cálida e extrovertida. Ele sempre carregou, não uma doutrina rígida, mas um deleite e curiosidade em todas as manifestações da vida. Receio que teóricos americanos não entenderão isso, mas a chave para tudo repousa em sua apreciação adequada do críquete.¹

A entrevista que aqui temos o prazer de apresentar não só transparece os elementos que Thompson ressaltou de James, como também revela este autor na espontaneidade que inspirou a própria admiração da passagem acima. Nas páginas seguintes, traçamos um breve itinerário político e intelectual de James em vistas de alguns dos principais temas e problemas que aparecem na entrevista, com o objetivo tanto de contribuir para a compreensão desta quanto de apresentar um autor ainda pouco conhecido no Brasil.

C. L. R. James nasceu em 1901 em Tunapuna, na colônia britânica de Trinidad, no seio de uma família de classe média negra. Seu pai era um professor, e sua mãe uma mulher profundamente culta, que possuía mesmo uma biblioteca pessoal, algo raro no Caribe colonial². Nesse contexto, o risco da decadência real e simbólica para as populações não-brancas era um espectro onipresente, de modo que desenvolveu-se aí uma armadura que passava diretamente pelo domínio dos códigos e trunfos morais da civilização ocidental: a respeitabilidade. A respeitabilidade vitoriana inculcou no jovem James uma postura moral que marcaria seu projeto político e sua trajetória pessoal, sem que, no entanto, implicasse

1 THOMPSON, E. P. “C. L. R. James at 80”. In: *Urgent Tasks*, n. 12, summer 1981. Disponível online em: <http://www.sojournertruth.net/clr80.html>. Tradução livre.

2 HALL, S. “C. L. R. James: a portrait”. In: *C. L. R. James’s Caribbean*. Durham: Duke University Press, 1992.

alienação por parte do autor da realidade caribenha. Essa relação complexa entre valores ingleses desterrados e o realismo da vida nas Índias Ocidentais pode ser bem captada na admiração que James nutria por um “vagabundo” – nos termos da avó de James – chamado Matthew Bondman. James assistia Bondman da janela de sua casa no campo de críquete, e de repente, esse sujeito descalço, “tão cru e vulgar em todo aspecto de sua vida, com um taco na mão era todo graça e estilo”³. Desde então, Bondman nunca deixou de ocupar a mente de James, e se tornaria uma espécie de metonímia das energias populares no Caribe. Essa potência aparece em *Beyond a Boundary*, um livro semi-autobiográfico publicado em 1963 acerca do críquete, no qual o autor desenvolve um exercício de crítica extremamente original acerca das relações do esporte com a cultura e a política. Para James, os povos colonizados, particularmente os povos caribenhos, por sua relação particular com a modernidade, trouxeram contribuições universais que foram além do que jamais havia sido possível. O autor diz no prefácio: “Se as ideias se originaram nas Índias Ocidentais, foi apenas na Inglaterra e na vida e história Inglesas que eu fui capaz de segui-las e testá-las. Para estabelecer sua própria identidade, Caliban, depois de três séculos, teve que ele próprio desbravar regiões que César nunca conheceu.”⁴ Aqui James aponta para essa criatividade das sociedades caribenhas, personificadas na figura de si próprio e dos milhões de “Bondsmen”. Não é por acaso que na entrevista Thompson tenta destacar para James a criatividade que encontrou em Calcutá fazendo-lhe referência ao seu Caribe natal.

A origem social de James em Trinidad lhe permitiu acesso à educação de elite da ilha, e estuda no Queen’s Royal College, onde passa a lecionar após se formar, tendo entre seus alunos o futuro Premiê de Trinidad e historiador Eric Williams. Interessa-lhe também nesse momento a escrita ficcional, e começa a participar de atividades e círculos que seriam centrais para a formação do campo literário trinitino, para a qual a curta atividade de James foi determinante. Engaja-se também em atividades políticas, particularmente na TWA (Associação de Trabalhadores Trinitinos), escrevendo para o jornal do movimento e depois a biografia de seu líder, Arthur Cipriani. Com os limites para o exercício da carreira literária no Caribe, James decide mudar-se para Inglaterra em 1932.

Na Inglaterra, James reside em Londres e em Nelson, Lancashire. Durante os seis anos que permanece no país, a literatura é sugada de si e substituída pela política. James toma contato com o marxismo, ou melhor, com o marxismo através do trotskismo, movimento do qual em pouco tempo se tornará um de seus principais nomes, e publica em 1937 *World Revolution 1917-1936: The Rise and Fall of the Communist International*, uma história

3 JAMES, C. L. R. *Beyond a boundary*. New York: Pantheon, 1983, p. 14. Tradução livre.

4 *Idem*, p. 9. Tradução livre.

compreensiva da Internacional comunista. Além disso, é na Inglaterra também que o anticolonialismo que o autor já manifestava em seu Caribe natal será transformado radicalmente pelo contato com o panafricanismo, movimento que tanto lhe influenciará quanto vice-versa. Esses dois mundos intelectuais, o panafricanismo e o marxismo, confluem de maneira particular na obra de James⁵, e o exemplo mais emblemático dessa confluência é o clássico *Os Jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a revolução de São Domingos*, publicado em 1938, e o único livro completo de James traduzido ao português.

Há dois dos pontos de *Os Jacobinos Negros* que devem ser retidos para a melhor compreensão da entrevista. O primeiro é o da relação estreita que James vê entre movimentos que se passam em lugares diferentes do mundo. Diz James na entrevista, referindo-se à questão do Terceiro Mundo, que “no momento em que o poder desses países [europeus] é de algum modo sacudido por qualquer movimento de massas sério nos países avançados, haverá uma resposta tremenda entre todos os elementos dos povos coloniais”. Do mesmo modo que os escravizados negros na colônia de São Domingos tiveram um papel mais do que fundamental na destruição do Antigo Regime e na realização de universais que a Europa não tinha condições de realizar⁶, James conecta eventos históricos que ocorrem em lugares distintos, não porque eles se espalham, mas porque o autor enxerga processos sociais muito próximos. O segundo ponto que deve ser retido diz respeito ao reconhecimento por parte de James de que as energias populares podem se realizar por formas que aparentam não ser políticas em princípio. No caso de *Os Jacobinos Negros*, James destaca o papel do vodou como meio de conspiração dos revolucionários negros, e na entrevista, James responde à Thompson acerca do sindicato *Solidariedade*, da Polônia, que não vê um problema no fato do catolicismo ter grande peso na revolta. Para James, a revolução move-se por caminhos misteriosos⁷.

Em 1938 é convidado pelo *Socialist Workers Party* (SWP) a dar uma série de conferências nos Estados Unidos, e o que era para ser uma breve estada se torna 15 anos.

5 BOGUES, A. *Caliban's freedom: the early political thought of C. L. R. James*. London – Chicago: Pluto Press, 1997; KELLEY, R. Introduction. In: JAMES, C. L. R. *A history of pan-african revolt*. Chicago: The Charles H Kerr Library, 2012, p. 13.

6 “Esse é o motivo pelo qual, na hora do perigo, Toussaint, apesar de inculto, encontrava a linguagem e o tom de Diderot, Rousseau e Raynal, de Mirabeau, Robespierre e Danton. E, de certa forma, superou a todos eles. Pois esses mestres da palavra falada e escrita, por causa das complicações de classe da sua sociedade, muitas vezes faziam pausas, hesitavam, avaliavam. Toussaint pôde defender a liberdade dos negros sem reservas, e isso deu à sua declaração uma força e uma determinação raras nos grandes documentos daquela época. A burguesia francesa não podia entendê-lo. Rios de sangue correriam antes que ela entendesse que, por mais elevado que fosse o tom daquilo que Toussaint escrevia, nada era bombástico ou retórico; era a verdade nua e crua.” JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos*. Campinas: Boitempo, 2010, p. 186.

7 JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros*. Op. Cit.

Durante esse período, James encontra-se com Trotsky no México em 1939. Nesse encontro, um dos temas debatidos pelos intelectuais foi o da questão negra. Trotsky a via como a luta de uma minoria nacional, aos moldes europeus, e James como de outra natureza, e tentava apreender a particularidade da questão racial e seu lugar na luta revolucionária. Após esse encontro, James se engaja na sua própria leitura do movimento, cada vez mais se afastando de Trotsky. Com o rompimento do SWP em 1940, James junta-se aos dissidentes, que formaram o WP (*Workers Party*). No interior deste, James forma com a ex-secretária de Trotsky, Raya Dunayevskaya (nascida Spiegel), a tendência Johnson-Forest, cujo nome se baseava nos pseudônimos usados pelos autores, J. R. Johnson (James) e Freddie Forest (Dunayevskaya). Os debates críticos à natureza da URSS nesse momento dividiam-se entre aqueles que, por um lado, viam-na como um Estado trabalhador degenerado, e por outro, aqueles que a viam como coletivismo burocrático. A publicação de 1950 da tendência, *State Capitalism and World revolution*, marca o rompimento definitivo com o trotskismo, e promulga a ideia uma terceira via no debate: a de que a URSS seria um capitalismo de Estado, um novo inimigo de classe.

O contato com Raya Dunayevskaya e Grace Lee Boggs, outro membro de seu grupo, permitiu também a James um mergulho filosófico mais profundo e rigoroso, do qual resulta em 1948 um de seus textos mais complexos teoricamente, *Notes on Dialectics*. Este livro também encapsula uma série de posições jamesianas persistentes, de modo que não é estranho o autor iniciar o diálogo com Thompson de 1983, ao qual nos voltamos aqui, em referência a esta obra, publicada 35 anos antes. O alerta de James é que o momento para um partido de vanguarda passou, e que no novo momento – seu presente que é o nosso passado, ressaltaria David Scott (2004) – o movimento trabalhista devia abandonar a ideia de partido. “Um partido que consiste de seis ou sete milhões de membros não é um partido de jeito nenhum. Ele automaticamente se torna o Estado.”⁸ Os escritos desse período são marcados, assim, por sua originalidade característica. Em 1953, no auge do Macarthismo, James é preso e deportado dos EUA. Em uma tentativa desesperada de permanecer no país, escreve – grande parte enquanto estava preso em Ellis Island – o livro *Mariners Renegades and Castaways: The Story of Herman Melville and the World We Live In*, que se volta ao clássico de Herman Melville, *Moby Dick*. A interpretação de James denuncia a cumplicidade dos intelectuais com projetos totalitários, e afirma que a verdadeira oposição no microcosmo que é o navio *Pequod* não está entre as personagens de Ahab e Ishmael, mas sim entre estes e o restante da tripulação. Na entrevista com Thompson, James, ao mencionar a situação política nas nações africanas, não

8 JAMES, C. L. R. *Notes on dialectics: Hegel, Marx and Lenin*. Londres: Allison and Busby, 1980, p. 11. Tradução livre.

deixa de colocar os intelectuais juntos aos policiais na opressão das massas, que por sua vez são, assim como em *Os Jacobinos Negros* e outras diversas obras de James, a base de seus projetos políticos.

Após sua expulsão dos EUA, James passa a viver brevemente na Inglaterra. Lentamente a distância física de seus companheiros na América passa a ser acompanhada de um distanciamento intelectual que culmina, após uma série de rompimentos, no fim do pequeno grupo remanescente de suas atividades naquele país, o *Facing Reality*, em 1970. Uma vez na Inglaterra, volta a trabalhar pela independência africana, e auxilia Kwame Nkrumah em Gana logo após a independência do país, em 1957. No ano seguinte, volta ao Caribe e colabora, a convite de Eric Williams, com o periódico *The Nation*, do People's National Movement. James permanece na posição até 1960, quando suas divergências com a linha do partido o fizeram abandonar o posto. James deixa Trinidad em 1962 para a Inglaterra, pouco antes da independência de seu país natal.

O período que se segue à saída de James é um dos pontos baixos de sua carreira política, mas não menos produtivo do ponto de vista intelectual. Em 1963 publica *Beyond a Boundary*, talvez sua obra mais importante junto com *Os Jacobinos Negros*. Nesse período sua residência oscila entre a Inglaterra e os EUA, onde passa a lecionar durante os anos 70 como professor na *Federal City College* – hoje *University of the District of Columbia* –, e palestrar em uma série de outras instituições americanas. Parte significativa dos esforços de James se voltam às temáticas pan-africanas e dos *Black Studies*, ao mesmo tempo em que passa a mais do que nunca a se pensar como um marxista-leninista⁹. Após uma breve estada em Trinidad, em 1980, passa a residir no bairro majoritariamente negro de Brixton, em Londres, até o fim de sua vida, em 1989. Nesses últimos anos, James, com a saúde debilitada, paulatinamente reduz até finalmente abandonar as atividades públicas. É desse período final a entrevista que discutimos, gravada em 1981 e exibida em 1983.

O diálogo entre Thompson e James em *Talking History* pode ser dividido em dois momentos, e quase precisamente na metade de seu transcurso. No primeiro, é mais notável a presença de Thompson, tanto em termos de tempo quanto de temáticas, que passam pela questão nuclear e a Guerra Fria. Em um sentido inverso, no segundo momento, a discussão se volta a temas mais caros a James, assim como este passa a dominar as falas. Discute-se a questão do Terceiro Mundo, das lutas anticoloniais, do papel e agência das massas e da função do historiador. Se a caricatura de James retratada por Ethel Mannin tivesse algum sentido¹⁰,

9 JAMES, C. L. R. *The old world and the new*. In: *At the rendezvous of victory*. Londres: Allison and Busby, 1984.

10 “Em seu hilário romance *Comrade O Comrade* (1947), Ethel Mannin retrata ‘um célebre trotskista’ – ‘um jovem negro extremamente bonito’ que chega para o chá acompanhado por dois amigos brancos. Eles

talvez pudesse ser nesse segundo momento. Entretanto, essa clara diferença entre momentos da entrevista revela um James que contemplamos que, em sentido oposto, demonstra uma intensa capacidade de escuta e generosidade intelectual. Talvez algo que perpassasse a entrevista como um todo seja seu otimismo característico – inclusive é comentado por Thompson –, que James transforma de mera atitude em virtude.

É para nós uma grande satisfação poder contribuir com esta pequena peça, que até pode parecer datada em alguns momentos, mas sem nunca perder seu valor enquanto testemunho da vitalidade imaginativa de C. L. R. James.

II. TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO

E. P. Thompson

Eu estive muito ocupado por dois anos no Movimento pela Paz e você e eu não precisamos conversar sobre armas nucleares. Estamos de acordo a esse respeito. Mas talvez pudéssemos falar um pouco sobre a Guerra Fria que está por detrás dessas armas. Trinta e cinco anos de estruturas rígidas de Guerra Fria na Europa, talvez fora dela, estão agora sendo desafiadas e há uma nova expressão de autonomia dos povos. Se preferir, de povos que estão sendo provocados sob os Estados em que isto está tomando lugar. O “Solidariedade” no Leste, o Movimento pela Paz no Ocidente, o movimento na Grécia, e assim por diante. Isto está começando a tornar toda a situação política mais fluida.

C. L. R. James

Em 1948, escrevi meu livro sobre dialética afirmando que esses partidos políticos, o Social-democrata, o Partido Comunista, estão acabados, que está chegando o dia em que teremos partidos de 8 ou 10 milhões de integrantes. Esses serão os partidos do futuro. Será o fim dos partidos pequenos. É isso o que está acontecendo hoje.

‘chegam pontualmente às quatro e saem pontualmente às cinco’; e nesses 60 minutos seu anfitrião profere exatamente 12 palavras. Porque o ‘célebre trotskista eminente’, pausando apenas para dar goles em seu chá, monologa sem parar sobre questões políticas em sua ‘bela voz escura’, ‘uma mão batendo na outra conforme enfatizava seus pontos.’”, FRYER, P. *Staying power: the history of Black people in Britain*. London: Pluto Press, 2018, pp. 341-342. Tradução livre,

E. P. Thompson

Sim.

C. L. R. James

Porque as pessoas finalmente perceberam que não podem confiar naqueles de cima, e não apenas nos dirigentes executivos, mas nas pessoas que deveriam representá-las para se tornarem o Executivo ou para serem contra o Executivo. E hoje, atravessa o mundo todo um sentimento de que nada será feito a não ser que façamos nós mesmos; e depois da Polônia, que tem sido tremendamente bem recebida nos Estados Unidos. O movimento trabalhista nos Estados Unidos foi notável por seguir seu próprio caminho, mas com o desenvolvimento polonês, ocorreu uma enorme manifestação em Washington. Você ouviu falar disso?

E. P. Thompson

Sim, sim.

C. L. R. James

Daqueles 300.000 manifestantes, um terço deles eram pessoas negras protestando contra o governo. E elas se chamavam a si mesmas de "Solidariedade". Não se deveria perder de vista o fato de que elas estão se ligando aos poloneses não apenas porque se chamam "Solidariedade", mas também porque disseram que não queriam mais ouvir as promessas do presidente.

E. P. Thompson

Mas me parece que a crise nos movimentos trabalhistas e social-democratas, aqui na Europa, na forma, é uma crise do atlanticismo, que está sob críticas. Durante 30 anos, a social-democracia, em toda a Europa Ocidental, estabeleceu uma barganha atlântica, na qual se colocou sob o domínio militar, diplomático e, em alguns casos, com o FMI, sob uma hegemonia política e econômica da nação capitalista mais poderosa do mundo, os Estados

Unidos. Se houvesse, assim, uma economia em crescimento, haveria algum bem-estar educacional, direitos sindicais, algumas barganhas a serem feitas.

C. L. R. James

A França saiu disso. Era de se supor que isso nos tiraria também, mas, na realidade, a independência britânica é totalmente subordinada à americana.

E. P. Thompson

Sim, é verdade. Estamos tendo nos últimos dois anos (e o Movimento pela Paz faz parte disso) um desmembramento das antigas estruturas atlânticas. E, dentro de todos os principais partidos social-democratas. Na Grã-Bretanha, o Partido Trabalhista; na Alemanha Ocidental, o Partido Social-Democrata. Os velhos controles ideológicos e burocráticos atlânticos estão sob desafio.

C. L. R. James

E na Holanda em particular.

E. P. Thompson

Sim, na Holanda também. Alguns partidos socialistas na Escandinávia, e agora o PASOK, na Grécia, saíram do jogo atlântico. Trinta anos de Guerra Fria criaram uma dupla implicação. Você não poderia ser pela paz e pela liberdade, se suporia que se você quer paz no Ocidente, que você é pró-soviético. Se você fosse pela liberdade no Oriente, logo, deveria ser um agente do Ocidente. Agora temos movimentos que são pela paz e pela liberdade nos quais o movimento, pela paz no Ocidente, reconhece o “Solidariedade” e está reconhecendo o movimento sindical e pelos direitos civis no Oriente. Essa é uma força que pode ser imensamente forte.

C. L. R. James

Minha opinião a respeito, olhando à distância, é que há alguns anos estavam me dizendo que se lutaria, lutaria e lutaria. Algo que o Partido Social-Democrata nunca havia feito antes, lutar contra a atitude unilateral do povo britânico. Na verdade, eles são contra uma guerra nuclear, são contra as armas nucleares. Isso significa prudência, mas, ao mesmo tempo, essa é a maneira mais conveniente e abrangente de dizer que somos contra o fardo que tivemos de carregar.

E. P. Thompson

Sim. E acho que isso tem sido mais forte entre os jovens.

C. L. R. James

Ao mesmo tempo, eles foram muito excluídos de qualquer intervenção séria no mundo político. Esses partidos são muito limitados e as organizações políticas que ouvem a esses partidos também. Mas aqui está um exemplo para eles se afastarem de tudo isso. Não há apenas pessoas que estão perturbadas com a guerra, como vocês sem dúvida alguma estão, há uma oportunidade para se manifestar publicamente e voltar a atuação política contra tudo o que se está fazendo.

E. P. Thompson

Eu concordo com isso! Eles acham que as armas estão sob desafio, que elas são imensamente perigosas e poderiam ser usadas. O quadro é pessimista, as estruturas militares planejam pressionar de ambos os lados, algo que envolve uma guerra nuclear. Era bem possível, era o que eu pensava ser provável até que o Movimento de Paz se desenvolveu e isso se deve em parte ao fato de essas enormes organizações militares, sistemas que agridem a segurança, a pesquisa e a política, serem Estados dentro dos Estados. Eles desenvolveram um volume de armas agora suficiente para destruir o mundo várias vezes, destruir a Europa trinta vezes, algo agora cada vez mais refinado. Ao invés de se falar sobre os terrores da destruição mútua, alguns sistemas detêm milhões de minas terrestres, de artilharia, de cargas de profundidade. A bomba de nêutrons está chegando. E elas estão cada vez mais precisas. Eles falam sobre lutar uma guerra, eles falam de vencer uma guerra nuclear, começando-se, de uma

maneira ou de outra, com um conflito no Oriente Médio em torno da tentativa de manter o controle do petróleo para os Estados Unidos e o Ocidente. E isso poderia se espalhar. O que isso significa? Que sabemos de duas experiências na Europa neste século e de muitas experiências em todo o mundo, a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, que não foram planejadas, vieram e foram piores do que as expectativas de todos. Isso poderia facilmente acontecer, mas, o que aconteceria agora? Acho que há duas coisas. Em primeiro lugar, na Europa, ninguém, nem qualquer estratégia, o próprio Lord Mountbatten ou Lord Zukerman, acreditam que uma guerra nuclear limitada seria possível. Ainda que os Estados Unidos pensassem ser possível e estarem a salvo dela, não seria este o caso. Esses sistemas quase se explodiriam automaticamente uma vez iniciada qualquer pequena guerra nuclear na Europa. A tendência seria a de se lançar mísseis balísticos intercontinentais e se atrair todo o norte do hemisfério ocidental para o confronto e isso destruiria tudo. Não mataria todo mundo, há diferentes estimativas de quantas seriam as pessoas mortas. Mas a infraestrutura da civilização seria destruída, os hospitais, as fábricas, as estradas, as comunicações e as pessoas nessas sociedades não conseguiriam reinventar subitamente uma nova economia de subsistência. Aqueles que sobrevivessem teriam um fardo de dano genético para suportar ao longo de gerações. Assim, teríamos a repentina redução de tudo a um estado doentio, de pânico e sem infraestrutura de uma pré-civilização. Podemos imaginar o que aconteceria, as pessoas fugiriam para as montanhas para escavar o chão atrás de batatas e sobreviver e seus filhos seriam deformados. Este seria o resultado. Significaria que a civilização teria que voltar para o hemisfério sul, mas o Oriente Médio, a África, a América Latina e a América do Sul ou partes da Ásia seriam outros cenários em que poderia ocorrer uma guerra limitada. Israel poderia ser tentada a fazer um ataque preventivo contra um Estado árabe, o Estado árabe revidar e as superpotências se retirarem dizendo que assim deveriam fazê-lo, destruindo as nações envolvidas. Mas o que é terrível aqui é que, embora a civilização não seja destruída, oferece-se um instrumento de genocídio racista que nas mãos, digamos, da África do Sul, poderia ser empregado com o sentido de que milhões, todos os negros africanos, são menos do que seres humanos. Usa-se essa arma e é por isso que se sabe que uma guerra nuclear limitada pode parecer melhor que uma guerra nuclear real. Mas, em alguns sentidos, é ainda mais genocida e racista. Precisa haver uma confrontação total da civilização contra eles.

C. L. R. James

As pessoas não estão calculando os danos que estão sendo causados à natureza humana hoje.

E. P. Thompson

Sim.

C.L.R. James

Não apenas no sentido de tudo aquilo o que ainda não sabemos. Essa coisa monstruosa está ocorrendo não apenas geneticamente, somos seres humanos que vivem pela mente e pelas ideias e essas são as ideias que estão enchendo nossas mentes e não podemos calcular o legado que virá delas.

E. P. Thompson

A orientação é certamente contra as armas. Para eliminá-las todas, de toda a Europa, em primeiro lugar, e depois do Segundo Mundo. É por aqui que pensamos em começar. Não são apenas eles, mas os jovens também estão irritados com a Guerra Fria e eu diria, se você não se importar que eu diga, por se tratar de uma herança; há características dos grupos dominantes que precisam da Guerra Fria. É um espetáculo itinerante que foi lançado em 1947; os falcões de um lado alimentam os falcões do outro e eles usam a ideologia da Guerra Fria não apenas uns contra os outros, mas como um meio de regulação e disciplina internas dentro de seus próprios Estados.

C. L. R. James

Essa é a política de Reagan.

E. P. Thompson

Exatamente.

C. L. R. James

Vou ter que concordar com você. Tudo o que não poderíamos gastar, no entanto, temos que gastar no que parece ser uma necessidade por armas.

E. P. Thompson

O anticomunismo nos Estados Unidos é necessário assim, mesmo que a União Soviética não existisse, como forma de controlar o movimento trabalhista, os grupos radicais e os dissidentes americanos. Se diz deles que são estrangeiros assim como pró-comunistas. Você sabe: pode-se denunciar todos os movimentos autênticos de mudança do povo americano como “comunias”.

C. L. R. James

Eles não estão sendo tão bem-sucedidos como eram, eles eram dominantes no movimento trabalhista dos Estados Unidos. Há um sentimento de resistência e a tomada de medidas contra o Executivo que é muito rara. Eles sentem, desta vez, que precisam fazer isso e são ajudados pelo fato de os europeus também estarem fazendo o mesmo. Esses dois movimentos estão ocorrendo e eles estão lá há muito tempo. Não consigo parar de pensar que houve um “Solidariedade” embrionário na França em 1968, ao mesmo tempo em que os exércitos precisaram se mover na Tchecoslováquia. Então, o que estamos vendo não é nada surpreendente, estranho ou novo. Os elementos disso já vêm de muito tempo, mas explodiram neste país neste momento. Isso que deve ser usado.

E. P. Thompson

Bem, ambos concordamos que o “Solidariedade”, na Polônia, tem importância histórica.

C. L. R. James

Concordo plenamente.

E. P. Thompson

Você não está preocupado com as suas formas nacionalistas ou católicas?

C. L. R. James

De modo nenhum. Não importa que eles digam que estão favoráveis ao Pacto de Varsóvia. Não acredito que eles estejam. Eles dizem que a igreja está desempenhando um papel. Acredito que na situação deles eu faria o mesmo. A igreja seria útil para impedir que as pessoas se lançassem contra mim. Mas notei que eles estavam convocando o povo da classe trabalhadora de outras partes da Europa Oriental a se juntar a eles no que estão fazendo. E essa foi uma demonstração de qual é o lugar do Pacto de Varsóvia, da Igreja e de tudo mais. Eles perceberam a necessidade e podem dizer “queremos solidariedade em toda a Europa Oriental”. Então, agora temos.

E. P. Thompson

O movimento na Polônia é de trabalhadores.

C. L. R. James

E histórico.

E. P. Thompson

E que é ou antiestado, ou uma crítica do Estado, no interesse da autonomia dos povos. Não é uma crítica total. Mas, eu acho que você concordaria que o movimento é um pouco machista. Não há presença suficiente de mulheres.

C. L. R. James

Eu sei. Mas havia mulheres falando isso. Elas tem falado disso pra eles. E eles têm falado à respeito e concordado com elas.

E. P. Thompson

Sim. Mas, obviamente, tudo é feito de modo muito polido. Mas o movimento vai crescer? Você acha que ele se espalhará pela própria União Soviética ou assumirá novas formas?

C. L. R. James

Eu não gosto da palavra “espalhar”. Acredito que o que se criou na Polônia existe fundamentalmente em outros países. Vim aqui e disse ao *The Guardian* em junho de 1980, antes do problema acontecer, que a Europa Oriental era o verdadeiro lugar para onde se olhar porque lá as coisas não podem mais continuar do jeito que estão. Eu quero ir para a África do Sul. Lá há um homem chamado Mandela, como você sabe. E há 20 ou 30 anos atrás, Mandela disse ao governo sul-africano: sou contra você, pode me mandar pra prisão; mas, quando eu for solto, continuarei sendo contra você porque o que você está fazendo é errado. Ele moveu a questão do plano econômico e político para o plano moral. Eu acho que isso foi magnífico e que não devemos nos esquecer de que eles sentem que isso está errado para além da questão política. Algo está acontecendo que certamente não poderia continuar sem termos diante de nós um ultimato perigoso. É por isso que queremos abrir portas.

E. P. Thompson

A meu ver, é dever do movimento democrático e de paz no Ocidente renovar a pressão militar sobre o bloco soviético porque isso dará espaço para que haja movimentos e desenvolvimentos autônomos do outro lado.

C. L. R. James

O que você quer dizer com retomar a pressão militar?

E. P. Thompson

Estou dizendo que precisamos varrer as armas para fora da Europa. Precisamos ir além das zonas nucleares, além do desarmamento convencional de ambos os lados. Se, em um

plano de rápida realização, conseguirmos uma zona progressivamente desmilitarizada na Europa Central, Alemanha Oriental e Ocidental, isso criará facilidades, sem intervir através do medo, para as pessoas da Europa Oriental e da União Soviética, à sua maneira, encontrarem seus próprios modos de transformar suas sociedades. Mas descobriremos como isso acontecerá no Ocidente também. Temos um novo espaço para um movimento do tipo que se vê na Grécia e em breve veremos na Espanha e em Portugal. Talvez, na Grã-Bretanha e na Holanda também.

C. L. R. James

E Itália.

E. P. Thompson

Sim.

C. L. R. James

Podemos dizer que a Europa está a caminho de romper definitivamente com o domínio militar e social norte-americano, mas não econômica e politicamente. Começa-se a ver que a quantidade de energia, dinheiro e tempo que eles gastam em proteger a Grã-Bretanha, a Europa, não é mais necessária porque a Europa está se afastando dos EUA.

E. P. Thompson

A questão, então, é qual direção a Europa tomará agora e eu quero lhe perguntar sobre isso. Você é internacionalista, é europeu, é caribenho, é africano, pertence a todos os lugares. Mas as pessoas no resto do mundo não se cansam do autocentramento europeu. E a luta anti-imperialista? Como ela se relaciona com isso? A Guerra Fria está se rompendo na Europa. O que será uma ajuda real aos movimentos anti-imperialistas, democráticos e socialistas no resto do mundo.

C. L. R. James

Há uma existência, em tudo o que você poderia chamar de países subdesenvolvidos, de “terceiro mundo”, de massas de populações que são exploradas por um pequeno círculo de intelectuais, policiais e de outros que sucederam à dominação britânica e europeia. Os britânicos muito sabiamente disseram: “nós lhes mandaremos um príncipe e uma princesa para dizer que é de vocês.” Mas a partir do momento em que eles sentaram naquelas cadeiras e tiveram que lidar com as estatísticas britânicas e europeias, frequentemente não nas suas línguas nativas, mas tiveram que usar línguas europeias, eles foram, cada vez mais, não por causa de corrupção pessoal, mas pelas circunstâncias em que se encontravam, levados completamente em direção à dominação americana e europeia. Mas embaixo deles há, eu sei disso por causa do Caribe, eu vi em África, embaixo deles há um número massivo de pessoas que não gosta de jeito nenhum disso, mas não sabem o que fazer, e se a qualquer momento os povos europeus derem passos parecidos com o da Polônia, haveria um estouro tremendo de sentimento entre a massa de povos subdesenvolvidos contra aqueles governos cuja única esperança para o futuro é pegar o que for que conseguirem dos regimes existentes nos Estados Unidos e na Europa. O exemplo mais notável são os portugueses na África. Os portugueses estavam lá e Kissinger organizou um comitê para dizer o que aconteceria, e então o comitê lhe disse, como estiveram dizendo por 300 anos, que os africanos iriam perder. E Kissinger disse: “se for assim, eu vou continuar a dar apoio aos portugueses por meio de Mobutu e da África do Sul”, até que uma manhã se surpreendeu ao saber que os portugueses disseram que eles perderiam. No momento em que o poder desses países é de algum modo sacudido por qualquer movimento de massas sério nos países avançados, haverá uma resposta tremenda entre todos os elementos dos povos coloniais.

E. P. Thompson

Aqui na Grã-Bretanha nós tivemos um tipo de história “tranquila” porque nós sempre exportamos a violência. Neste momento em que estamos conversando, a União Soviética ainda está no Afeganistão, os EUA ameaçam intervenções militares contra Cuba e Nicarágua. Eu poderia sugerir que todo esse período de Guerra Fria – que frequentemente é uma “guerra quente”, para o mundo subdesenvolvido foi uma guerra violenta – foi um período no qual houve imensas influências distorcidas exercidas pelas superpotências, pela Guerra Fria em si? A mais óbvia é a exportação de armas e infraestruturas por ambos os lados, todas aquelas grandes conversas sobre ajuda, qual é a verdadeira ajuda? A verdadeira ajuda não

é só a exportação de máquinas de guerra, mas também de lançamentos aéreos militares, de infraestrutura militar. Mas poderia eu também sugerir que, de uma forma curiosa, na esquerda o marxismo foi militarizado por essa experiência, porque ela foi uma experiência de resistência armada e porque a influência do marxismo soviético pós-estalinista, ou pseudo-marxismo, enfatizou sempre suas formas burocrático-militares? Houve uma perda de um conteúdo popular democrático, antiestatista e autônomo...

C. L. R. James

...da exposição do povo. Lênin disse que o problema não é apenas o declínio do capitalismo, mas surgindo deste declínio o conflito será entre um capitalismo decadente e o socialismo que está vindo. Eu vejo o Irã, a Polônia e outros lugares desse modo. O Irã é um país que devemos olhar. Nós podemos comparar o Irã com as revoluções na Europa. A Revolução Francesa começou com liberdade, igualdade e fraternidade, em um tempo de três anos, com grande liberdade e grande igualdade, mas sem fraternidade, eles cortaram a cabeça do rei, da rainha e muitos outros deles. A mesma coisa aconteceu na Grã-Bretanha. Começaram com “nenhuma taxação sem representação”, e ao final “nenhuma taxação nem representação”, cortaram a cabeça do rei e Cromwell terminou com a monarquia. Eu acredito que não estamos prestando atenção suficiente ao Irã. Fui informado que há uma massa de organizações da classe trabalhadora, organizações camponesas, além dos trabalhadores das petrolíferas. Contaram-me também que aqueles chefes árabes que estão gastando todo esse dinheiro do petróleo no Egito estão todos muito preocupados que o que se passou no Irã seja um indicativo do que poderia acontecer lá, não há problema de para onde eles irão. Por último, eu gostaria de ouvir você falar sobre isso antes de eu dizer qualquer coisa. Para mim um dos maiores países do mundo hoje, um daqueles cuja ação será decisiva, é a Índia. Eu li o que você escreveu sobre a Índia, mas eu gostaria que você falasse como alguém que esteve lá e conheceu as pessoas. Você poderia?

E. P. Thompson

Sim. Falar com você é falar com um historiador. Você tem esse senso da abertura, do caráter imprevisível do processo. Você não consegue impor programas sobre ele. Eu não sou autoridade em Índia, eu tenho uma conexão familiar particular com a Índia, eu a visitei uma vez e tenho muitos amigos indianos. Eu tenho esse senso da importância da Índia. É um subcontinente incrível. Não há ideia em nenhuma parte do mundo, Rússia, China,

Washington, o Caribe, África, que não esteja presente na cabeça de algum indiano. É uma sociedade do mais extraordinário discurso plural, de grande vitalidade, de uma tradição popular gentil e anti-aquisitiva. Ou seja, é possível não entrar no horrível programa burocrático de crescimento que afligiu o resto do mundo. Um dos meus problemas com a Índia é que me parece que mesmo o marxismo, na cabeça de alguns indianos, está impondo sobre eles uma descrição falsa da realidade que é retirada da experiência de outras nações. Alguns de meus amigos marxistas indianos estão sempre querendo que a Índia repita a experiência de outubro de 1917.

C. L. R. James

Nos Estados Unidos também.

E. P. Thompson

Sim. Parece-me que, em certo sentido, a Índia é um país de promessas, mas acho que eles não entenderam ainda sua própria promessa. Não a nomearam ainda.

C. L. R. James

A entrada da Índia no mundo moderno como o conhecemos, com o “Solidariedade” no fundo de nossas mentes, significará uma mudança completa nas lutas no Oriente Médio. Eles estão tão divididos que não sobrou mais nada a fazer a não ser se unir. Os camponeses na Polônia nos deram um bom exemplo. Eles disseram: “nós queremos nos juntar ao Partido, mas ao mesmo tempo nós queremos independência enquanto uma organização camponesa”. Estou ansioso pela Índia porque eu acredito que a Índia pode se mover, mas ela só pode se mover em uma determinada direção, como eles estão muito divididos para se mover em “comboio”. Eu acredito que um grande movimento de massas irá ocorrer e ele vai alterar o destino da China, de todos os Estados árabes, de tudo. Esses são hoje os países decisivos que estou olhando. Meu amigo Farrukh disse que me levaria à Índia, e se for possível eu irei, para dar uma olhada por conta própria.

E. P. Thompson

Você nunca foi?

C. L. R. James

Nunca fui.

E. P. Thompson

Mas você tem que ir! Você deve ir! E você tem que ir pra Calcutá, é a Paris da Ásia e você tem pessoas nessa cidade de pobreza sentadas na soleira de seus grandes cortiços lendo poesia um para o outro, tocando música. É uma sociedade criativa, uma que você reconheceria como do Caribe.

C. L. R. James

Sabe, eu não consegui ler sobre Calcutá. As pessoas são concebidas na calçada, nascem na calçada, moram na calçada e morrem na calçada, e eu vou lhe dizer muito francamente: quando eu chego a essas páginas eu as pulo.

E. P. Thompson

E eles fazem poesia na calçada também! Sim! Eles são indômitos.

C. L. R. James

Mas eu sinto que a Índia tem um tremendo passado, que quando os Britânicos foram lá, sua civilização era perfeitamente capaz de se levantar contra os britânicos, apesar de muitas áreas atrasadas, e que hoje Índia vai definir o destino da China. Se houver um movimento de massas na Índia, os chineses não poderão mais ficar correndo pra Europa, como aquele vice-presidente baixinho, e implorar: “nós queremos que vocês nos ajudem”. O próximo país que eu gostaria de ir, e eu vou organizar se for possível, é a Índia porque eu acredito que aqueles milhões têm muito mais entre eles do que senhora Gandhi e companhia.

A senhora Gandhi prometeu e fracassou, outras pessoas vieram e fracassaram, ela voltou, ninguém sabe o que está acontecendo, e essa tremenda incerteza, na minha opinião, leva em última instância a um sentimento de que devemos nos juntar para fazer alguma coisa. É nisso que eu acredito, e acredito que a Índia é muito importante, e que não estamos fazendo o suficiente acerca da Índia, e não estamos fazendo o suficiente sobre os negros no Brasil. Esses são os dois lugares e essas são as duas lacunas. Você acha que ao afirmar isso eu estou exagerando ou subestimando o caso?

E. P. Thompson

Você é um otimista e é extraordinário pegar sua visão otimista do mundo. Eu estou no meio do caminho entre ser um extremo pessimista e um otimista como você. Eu acredito que as estruturas de poder, sob ameaças desse tipo, podem explodir. Poderiam acabar com a gente e terminar em uma guerra nuclear. Mas se pudermos parar isso, eu tendo em direção ao mesmo otimismo, de que vamos em direção a toda uma década na qual o espaço para movimentos autônomos está se abrindo ao redor de todo o mundo. E o que me interessa é que eu sempre senti que você tem essa visão histórica da imprevisibilidade do processo. Talvez você esteja enfatizando demais as perspectivas otimistas e esperançosas do processo, mas a não ser que possamos ver essas perspectivas, nós não podemos trabalhar por elas.

C. L. R. James

Nós começamos na África lá por 1950, George Padmore e outros de nós aqui, e as pessoas riam de nós. Eles diziam: “esses indianos ocidentais leram muitos livros, mas eles não sabem nada. Independência da África?” Vinte anos depois, do norte até a Namíbia, a África é independente. Eu estive em Gana em 1957 conversando com Nkrumah e Padmore sobre o que aconteceu, e se qualquer pessoa nos contasse que em 10 anos haveria 40 novos Estados africanos, e em 25 anos, com a exceção da África do Sul, toda a África seria livre, nós teríamos dito: “esse homem é um *agent provocateur* enviado pelo *Colonial Office* para desestabilizar o movimento”. Nós não acreditávamos ser possível. Na África você tem o Zimbábue, com seu partido marxista-leninista, você tem Nyerere, com a Declaração de Arusha – um dos grandes documentos desse período –, você tem Moçambique e Angola dando seu melhor porque eles têm que depender da massa da população. Por outro lado, você tem Houphouët-Boigny na Costa do Marfim, você tem Senegal e você tem muito dos franceses jogando na África Central. Mas não há sombra de dúvida de que se aqueles que estão sob esses governos tiverem a menor

oportunidade, aqueles que estão no poder não poderão fazer nada com eles. Essa é minha opinião, essa foi a opinião de Walter Rodney, que infelizmente morreu.

A história está indo em tal ritmo que se eu estiver escrevendo um material que tentará expressar o que está acontecendo para o público geral, eu tenho que reescrevê-lo inteiramente porque a história fez o que escrevi na primeira vez ser inviável. Você escreve história, mas o que você poderia fazer hoje acerca do “A Formação da classe operária inglesa”? Eu notei a importância que tinha esse livro. Embora você tenha terminado ao redor de 1832, por aí, ele era ainda absolutamente viável em relação a quando ele apareceu, mas eu acho que a história agora está se movendo tão rapidamente que ela tem que ser jornalismo, você não consegue resumir nada, no momento em que você sumariza algo ele desapareceu. O que você tem a dizer sobre isso?

E. P. Thompson

Eu acho que tem duas coisas diferentes e que às vezes elas não vão facilmente juntas. Eu acho que o que se faz quando se faz História é devolver ao povo a história que historiadores confiscaram deles. Mas ao mesmo tempo, e essa é a parte difícil, o historiador pertence a uma disciplina, e assim não deve deixar que a história seja propaganda porque isso em si pode ser traição, pode dar falsas expectativas. Nós tivemos, apenas neste século, nos últimos 100 anos, manifestações terríveis de consciência popular. Não apenas o nazismo e o fascismo, mas todo o registro de cumplicidade com o imperialismo no interior de movimentos trabalhistas e social-democratas ocidentais. Assim, a História não pode ser só insurrecional. Ela deve ser rigorosa, objetiva e disciplinada. E examinar problemas e questões que podem ofender populistas, que podem ofender a esquerda algumas vezes. A busca pela verdade também é nosso trabalho.

C. L. R. James

Eu devo dizer que admiro muito o que você, Hobsbawn e uns outros dois estão fazendo, que vocês estão voltando e cavando a história, cavando coisas que as pessoas esqueceram, ignoraram e suprimiram, e isso faz nos fazer entender hoje a grande importância das pessoas que são ignoradas. O Senhor Scarman escreveu sobre os comitês e a polícia, sobre a polícia e os líderes, e ele não parece saber o que todo mundo sabe, que aqueles líderes não tinham nem um pouco a confiança da grande massa das pessoas negras. E que se tivesse deixado para esses líderes, aqueles meninos negros nunca teriam saído. Então há um aspecto

dual, vocês são capazes de escavar profundamente histórias passadas – e eu acho que é isso que vocês estão fazendo –, e ao lidar com pessoas que foram ignoradas, vocês estão tornando real e importante para historiadores, hoje, esquecer o que está acontecendo no topo. Deve-se lidar com isso, mas deve-se descer e fazer o que não foi feito por essas pessoas. Você está ciente de que se está fazendo isso?

E. P. Thompson

Sim, e no trabalho que eu estava fazendo na História até o Movimento Pela Paz a tomar todo meu tempo, eu estava em certo sentido voltando ao momento anterior à Revolução Industrial, para redescobrir o fato de que a ofensa que o capitalismo fez não estava apenas na pobreza, opressão, imperialismo. Estava também na definição da necessidade humana como econômica em sentido estrito. E quando volta-se ao século XVIII, aos movimentos populares, à cultura das pessoas no século XVIII, você está voltando a um tempo – e isso se relaciona à Índia de alguma forma hoje – no qual as pessoas têm necessidades que nunca poderiam ter sido expressas em confrontos simples entre exploração em sentido econômico estrito. Em certo sentido, eu acho que o capitalismo impôs um disfarce sobre a necessidade humana, ele tentou dizer “não, isso é econômico”, e em alguns casos a oposição aceitou o disfarce e disse: “nossas demandas são salários, salários, salários”, mas as verdadeiras demandas, e o movimento das mulheres está mostrando isso agora, e o “Solidariedade” está mostrando isso agora, e o Movimento pela Paz está mostrando isso agora, as demandas reais das pessoas não podem ser expressas em termos econômicos estritos.

C. L. R. James

Você desce até a massa da população que não escreve livros, que não se expressa em discursos e ao trazer o que eles fizeram, o pouco que sobrou do que eles disseram, você não apenas está escrevendo essa história como você está dizendo também aos historiadores hoje: “é isso que vocês devem fazer!” Muitas pessoas no Caribe me dizem que os trabalhos que eu escrevo sobre o Caribe são de fundamental importância para eles no sentido de que vou além de salários e opressão dos imperialistas e lido com o desenvolvimento social, artístico e histórico da população. Você tem que ir para baixo, pois é embaixo que você pode fazer sua história ser contemporânea, embora você esteja escrevendo sobre 200 anos atrás...

E. P. Thompson

Ou sobre a Grécia Antiga!

C. L. R. James

Ou sobre a Grécia antiga. Eu acredito que seja essa a função do historiador, e é isso que tenho tentado fazer.

E. P. Thompson

C. L. R., você está com 80 anos, Tom Mann, nosso grande líder trabalhista britânico, que liderou a greve das docas, quando ele fez 80 anos, disse: “eu espero ficar mais perigoso conforme eu envelheço”. É isso que você está vivendo em sua própria vida. Suas ideias estão se estendendo mais amplamente, elas estão mais perigosas para as estruturas do Estado, elas estão mais criativas. Eu quero parabenizá-lo em nome de meus próprios compatriotas e agradecê-lo por sua contribuição aos nossos movimentos aqui.

C. L. R. James

Eu apenas consigo dizer obrigado e eu aprecio que isso venha de ninguém menos que você. Muito obrigado.